

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Marcelo da Costa Schmitt

FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM NA PRÁTICA DO RUGBY

**Porto Alegre,
2015**

MARCELO DA COSTA SCHMITT

FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM NA PRÁTICA DO RUGBY

Monografia submetida ao Curso de Educação Física - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser.

**Porto Alegre,
2015**

MARCELO DA COSTA SCHMITT

FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM NA PRÁTICA DO RUGBY

Conceito final:

Aprovado em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Orientador – Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que de alguma forma colaboraram com a minha graduação.

Em especial à minha família, que sempre me deu todo o suporte, apoio e a cobrança necessários para a realização de um sonho. Principalmente minha mãe, que sempre batalhou e fez de tudo para que eu tivesse condições de iniciar e terminar a graduação.

Aos amigos que fiz na 2008/1 (barra louca do galão), gurizada parceira pra qualquer hora.

Aos amigos do Esporte Clube Cruzeiro, pela oportunidade e pelo aprendizado e amadurecimento que me proporcionaram em especial aos amigos Matheus Lima Moraes, Eduardo Dias Costa (in memorian), Luiz Antônio, Maurício Rocha.

À galera da AFP, Alexandre Andrade, Cristiano Nunes, Viviane Thies, pela oportunidade e incentivo de experimentar uma área que até então não estava nos planos, mas que me agregou muita experiência e conhecimento.

Agradeço também a todos os professores da casa que contribuíram para o meu aprendizado, especialmente o professor Rogério da Cunha Voser, orientador deste trabalho, pela parceria e paciência para com as dificuldades encontradas ao longo da elaboração do TCC. Espero ter conseguido aprender pelo menos um pouco do que cada um tentou nos passar durante esse período

RESUMO

Este estudo quantitativo, de cunho descritivo-exploratório, teve por objetivo geral verificar os fatores motivacionais que influenciam os atletas na prática do Rugby. O estudo contou com 71 atletas do sexo masculino, nas categorias adulto e juvenil, com idade entre 16 e 40 anos. Estes atletas participavam de treinamentos e campeonatos com as equipes do Charrua Rugby Clube, Guasca Rugby Clube e San Diego Rugby Club. Para aquisição dos dados relacionados aos motivos da prática esportiva foi utilizada a "Escala de Motivos para Prática Esportiva" (EMPE), a qual foi validada por Barroso (2007) para população brasileira e é composta por 33 questões. Como a medida foi feita em uma escala nominal, foram estabelecidos os seguintes critérios: "nada importante" (para o nível 0), "pouco importante" (para os níveis 1, 2 e 3), "importante" (para os níveis 4, 5 e 6), "muito importante" (para os níveis 7, 8 e 9), e "totalmente importante" (para o nível 10). Posteriormente, as questões foram agrupadas em 7 fatores motivacionais, assim denominados: status, condicionamento físico, energia, contexto, técnica, afiliação e saúde. Para a análise dos dados, foi utilizada a estatística descritiva com a apresentação das médias e o Teste t de Student para amostras independentes na comparação das médias. Os resultados demonstraram que os fatores técnica e afiliação obtiveram a maior média tanto para a categoria juvenil, como para a categoria adulta. Apenas no fator contexto foi observado uma diferença estatística significativa ($p=0,001$), com o grupo juvenil dando mais importância para o fator contexto do que o grupo de adultos. Os fatores condicionamento físico e saúde também mostraram ser de grande importância para ambos os grupos. É importante que outros estudos relativos ao Rugby sejam realizados com uma amostra maior e também com atletas do sexo feminino.

Palavras-chave: Motivação. Esporte. Rugby.

ABSTRACT

This quantitative study, descriptive and exploratory, had as objective verify the motivational factors that influence athletes in the practice of Rugby. The study included 71 male athletes in the adult and youth categories, aged from 16 and 40. These athletes had participate in training and competitions with teams of Charrua Rugby Club, Guasca Rugby Club and San Diego Rugby Club. For the data acquisition relating to the motifs for the practice of this sport it was used the "Reasons Scale for Sports Practice" (EMPE), which was validated by Barroso (2007) for the Brazilian population and consists of 33 questions. As the measures were made in a nominal scale, the following criteria were established: "nothing important" (for level 0), "unimportant" (for levels 1, 2 and 3), "important" (for level 4 5 and 6), "very important" (for levels 7, 8 and 9), and "totally important" (for level 10). After that, questions were grouped into seven motivational factors, so-called: status, fitness, energy, context, technic, membership and health. For data analysis, we used descriptive statistics with presentation of the average and the Student t test for independent samples, to compare the means. The results demonstrated that the technical factors and membership obtained the greatest means to both young and adult groups. Only the motivational factor 'context' revealed a statistically significant difference ($p = 0.01$) with the young group giving more importance for the context factor than the group of adults. The fitness and health factors also proved to be of great importance for both groups. It is important that other studies related to the practice of Rugby be conducted with a larger sample and also with female athletes.

Keywords: Motivation. Sport. Rugby.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 REVISÃO DE LITERATURA	09
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	09
2.2 O JOGO	11
2.2.1 Tipos de Rugby	12
2.3 MOTIVAÇÃO NO ESPORTE	13
3 METODOLOGIA	15
3.1 TIPO DE ESTUDO	15
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	15
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS.....	16
3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	16
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS.....	22
APÊNDICE 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	24
ANEXO 1 – Questionário	25

1 INTRODUÇÃO

Jogos com bola e contato físico são praticados pelas sociedades humanas há milênios. Os romanos, por exemplo, praticavam o Harpastum, muito semelhante ao rugby moderno, no qual os atletas jogavam em equipes, e buscavam levar uma bola à outra extremidade da quadra de jogo, empurrando os oponentes. Autores antigos como Ateneu, Galeno, Sidônio Apolinário e Júlio Polux relatam a prática contemporânea (PORTAL DO RUGBY).

Disputado em mais de 120 países, o Rugby é extremamente popular, sobretudo em países de colonização inglesa, tais como Reino Unido, Irlanda, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul. Porém é muito popular em diferentes países dos 5 continentes como Argentina, Uruguai, Chile, EUA, Alemanha, Portugal, Espanha, Itália, França, Bélgica, Holanda, Rússia, Romênia, Japão, Coreia do Sul, China, etc (CBRu, CENAMO, 2010).

Com um grande potencial ainda para ser descoberto no Brasil, o Rugby movimenta milhões de fãs pelo mundo todo. A Copa do Mundo de Rugby, por exemplo, é o terceiro evento esportivo do planeta, com audiência de mais de 4 bilhões de pessoas. Patrocínios, público, estádios e espetáculo dignos de comparação aos Mundiais de Futebol e Olimpíadas – os dois primeiros eventos da lista. O rugby no Brasil, apesar de não ser tão difundido, vem crescendo de forma bastante dinâmica em nosso País (CRBu).

Por ser uma modalidade ainda em crescimento no Brasil, são escassos os trabalhos sobre rugby. Alguns estudos foram realizados (MORENO, 2012, MÜLLER, 2013, AGUIAR, 2011), porém, o número de estudos que investigam as motivações que levam seus adeptos a praticá-lo é ainda menor.

A motivação no esporte é um campo muito amplo de definições e conceitos que são muito explorados pelos pesquisadores.

Assim como estes fatores podem influenciar para a adesão e manutenção no esporte, podem também ocasionar a desistência. Isto faz com que muitos pesquisadores cada vez mais se preocupem em analisar os fatores motivacionais de iniciantes e de atletas praticantes de diversos esportes.

É sabido que existem diferentes tipos de questionários sendo utilizados em pesquisas no Brasil. Nesta pesquisa optou-se a utilizar o questionário desenvolvido por Barroso (2007) em sua dissertação de mestrado.

Esta pesquisa se justifica pela relevância e pela importância de poder responder a seguinte questão: quais os fatores motivacionais que influenciam os atletas na prática do rugby?

Para tanto, têm-se como objetivo geral verificar os fatores motivacionais que influenciam os atletas a prática do rugby. Esta pesquisa possibilitará que os professores e treinadores utilizem estas informações para nortear a sua prática pedagógica durante o processo de treinamento.

A seguir, será apresentada a revisão de literatura que servirá de base para o desenvolvimento da pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Durante a Idade Média, atividades com bola eram muito populares em países como Inglaterra, França e Itália, principalmente entre os camponeses, aldeões e estudantes que a princípio utilizavam datas festivas para a prática e posteriormente todos os domingos (CENAMO, 2010 apud GARCIA, 1964).

Na Inglaterra, existia um jogo muito popular disputado entre duas vilas ou pequenas cidades. As equipes eram compostas por um número ilimitado de participantes e o objetivo do jogo era levar uma bola produzida por peles de animais mortos, até o final da cidade adversária e assim marcar pontos. O jogo era violentíssimo, o que levou o Rei Eduardo II a proibir tal atividade no ano de 1314, e tal proibição foi mantida até o final do século XV (GARCIA, 1964; RUGBY FOOTBALL HISTORY, 2010).

Na Itália, o período do Renascimento trouxe de volta antigas tradições gregas, influenciando inclusive no âmbito esportivo. O “calcio”, esporte de bola muito popular nesse país, era uma variação do “harpastum” (jogo que consistia em levar uma bola de um lado ao outro em um espaço delimitado). O esporte possuía muitas características comuns ao que hoje se conhece como rugby (CENAMO, 2010).

A origem específica do rúgbi está na própria Inglaterra industrial, dos séculos XVIII e XIX, onde os antigos jogos com bola medievais, chamados de football, passaram a ser incorporados pelo sistema de ensino britânico como parte da educação física e da recreação dos garotos. Cada escola e universidade britânica tinham a sua forma própria de jogar, com suas próprias regras. Não havia, portanto, um football, mas vários, sem qualquer organização. A Rugby School, por exemplo, tinha a sua própria forma de jogar que, como em todos os lugares, sofreu alterações com o passar do tempo (PORTAL DO RUGBY).

Diz a lenda que, em 1823, durante um jogo de futebol da escola, na cidade de Rugby, na Inglaterra, um jovem chamado William Webb Ellis pegou a bola e correu em direção ao gol do adversário. Dois séculos mais tarde, Rugby Football evoluiu para um dos esportes mais populares do mundo, com milhões de pessoas jogando, assistindo e gostando do jogo.

Esse evento ocorreu na cidade inglesa de Rugby, e não se tem comprovação documentada sobre a sua veracidade. Mesmo assim, a história foi dada como consenso acerca da origem do rugby, pois o estudante que protagonizou esse evento histórico foi homenageado com seu nome no troféu da Copa do Mundo de Rugby - “Taça William Web Ellis”.

Ainda que o jogo de Rugby tenha sido praticado pelo menos desde os anos 1820, foi em 1846 que as primeiras regras foram escritas, formalizando-se o Rugby Football. Thomas Arnold, diretor da escola desde 1828, foi um dos encorajadores do esporte e de sua formalização, reconhecendo nele grandes valores pedagógicos.

Em 1863, as leis do jogo escritas pela Universidade de Cambridge para a unificação das diversas formas de football não foram aceitas pelos representantes do Rugby Football, mantendo-o separado do novo Football Association (o futebol).

O surgimento de diversos clubes de rúgbi por toda a Inglaterra fez necessária a criação de uma entidade nacional organizadora. Em 1871, nasceu a Rugby Football Union (RFU). A primeira reunião da RFU foi presidida por E.C. Holmes, capitão do Richmond F. C., e contou com representantes de 21 clubes: além do Richmond, Harlequins, Blackheath (formando o poderoso trio de clubes de Londres, que mandou por anos na entidade), Guy’s Hospital, Civil Service, Wellington College, King’s College, St. Paul’s School (que continuam existindo até hoje), Gipsies, Flamingoes, Mohicans, Wimbledon Hornets, Marlborough Nomads, West Kent, Law, Lausanne, Addison, Belize Park, Ravenscourt Park, Chapham Rovers e Queen’s House (que não existem mais). A União Escocesa de Rugby (SRU) foi a segunda a ser formada, em 1873, seguida da União Irlandesa de Futebol Rugby (IRFU), em 1879, e da União Galesa de Rugby (WRU), em 1881. A criação das 4 entidades nacionais fez necessária a criação de um órgão internacional. Com isso, em 1886, nasceu o International Rugby Board (IRB), fundado por representante de Escócia, Irlanda e País de Gales. A Inglaterra se recusou participar do IRB em sua fundação, e só aderiu à entidade em 1890.

Em 1871, foi disputada a primeira partida internacional, entre Inglaterra e Escócia, com vitória escocesa. A primeira grande competição internacional nasceu em 1883: o Four Nations (4 Nações), entre as Home Nations (Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda). Foi somente em 1910 que o torneio se tornou Five Nations (5 Nações), com a inclusão da França, e Six Nations (6 Nações), apenas em 2000, com a entrada da Itália.

No início do século XX, o esporte esteve presente em quatro edições dos Jogos Olímpicos, mas em sua versão de 15 jogadores por equipe. Em Paris 1900, a França sagrou-se a primeira campeã. Oito anos depois, em Londres, a Austrália levou o ouro, seguida pelos Estados Unidos na Antuérpia 1920 e em Paris 1924. O Barão Pierre de Coubertin, fundador do Movimento Olímpico da Era Moderna, era um praticante e entusiasta da modalidade.

Nas décadas que se seguiram, o Rugby passou por um processo de massificação. Hoje, é praticado em cerca de 120 países e arrasta multidões pelos estádios. A principal competição da versão de 15, a Copa do Mundo masculina, disputada a cada quatro anos, só perde em audiência para os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de futebol masculino. Na versão de sete, a Copa do Mundo a cada ciclo de quatro anos se une a World Series, realizada anualmente em etapas nos cinco continentes.

A Confederação Brasileira de Rugby é o órgão máximo do Rugby no Brasil, filiada ao World Rugby (a federação internacional) e ao Comitê Olímpico Brasileiro. Fundada em 2010, a CBRu é a sucessora das antigas Associação Brasileira de Rugby (fundado em 1972) e União de Rugby do Brasil (nascida em 1963).

2.2 O JOGO

O rugby baseia-se numa ética única que se manteve com o passar do tempo, onde o jogo não é apenas praticado de acordo com as Leis, como também dentro do espírito das Leis.

Através da disciplina, conduta, espírito, contato físico controlado e disputa pela posse da bola se criou uma cartilha, pela International Rugby Board (IRB), com o objetivo de assegurar que o rugby mantenha suas características únicas tanto dentro como fora de campo, definindo os princípios básicos do rugby.

Os princípios do rugby são os elementos fundamentais sobre os quais o jogo se baseia e eles permitem ao participante imediatamente identificar o caráter do jogo, e o que o distingue como um esporte que é praticado por pessoas de todos biótipos e gêneros.

2.2.1 Tipos de Rugby

Até a divisão entre rugby union e rugby league, o esporte era chamado de rugby football. O rugby union é o mais difundido entre os dois, possuindo duas modalidades principais: a tradicional com 15 jogadores de cada lado (15-a-side ou XV) e o seven-a-side, com 7 jogadores por equipe.

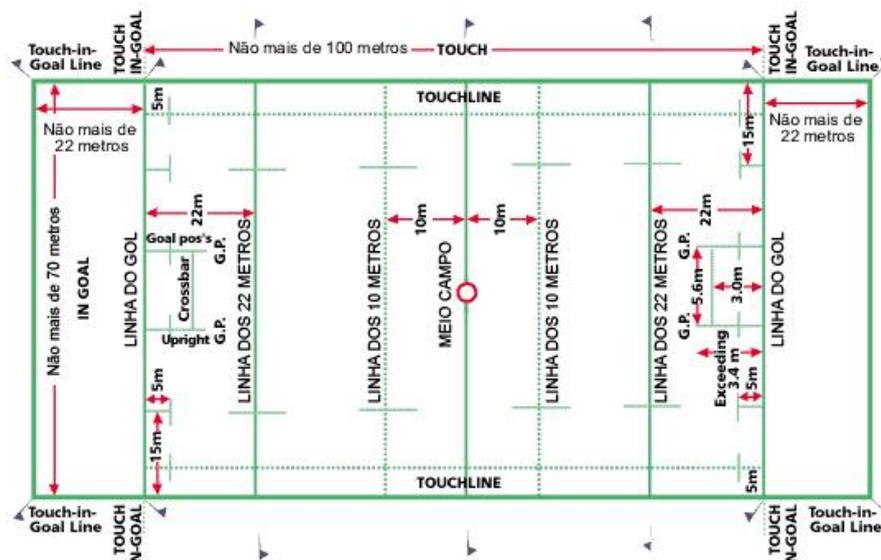
Por ser o mais praticado e assistido no mundo, é comum o rugby union ser chamado apenas de rugby.

Já o Rugby League é jogado com 13 jogadores de cada lado, sendo chamado também de rugby de XIII, e pode ser jogado também por 7 jogadores (rugby league sevens) ou por 9 jogadores (rugby league nines).

A modalidade seven-a-side segue as mesmas regras da modalidade tradicional, mas com algumas variações. São dois tempos de 7 minutos em jogos normais e dois tempos de 10 minutos em finais. Há variação também na formação de scrum, que permite apenas 3 jogadores de cada lado.

O campo é de formato retangular, tem comprimento máximo de 144 metros e largura máxima de 70 metros, e não há um mínimo determinado. A superfície é preferencialmente de grama, mas também pode ser areia, barro, neve ou grama artificial. O jogo pode ser sobre a neve, desde que a neve e a superfície subjacente sejam seguros para tal. Não é permitido jogar-se em uma superfície dura permanente como concreto ou asfalto.

Figura 1



A linha que marca o início do in-goal é considerada parte dele. As linhas laterais são consideradas fora de campo. Caso um atleta em posse da bola toque na linha lateral é considerado que a bola saiu do campo.

2.3 MOTIVAÇÃO NO ESPORTE

O termo motivação denota os fatores e processos que levam as pessoas à ação ou à inércia em diversas situações. De modo mais específico, o estudo dos motivos implica no exame das razões pelas quais se escolhe fazer algo ou executar algumas tarefas, com maior empenho do que outras ou, ainda, persistir numa atividade por longo período de tempo (SCALON apud CRATTY, 1983).

Motivação vem de muitas formas. Às vezes é de natureza interna e vem de um desejo pessoal para encontrar o sucesso independente de recompensas externas e seduções. Às vezes é de natureza externa e vem de um desejo de ganhar notoriedade, fama, ou recompensas financeiras. Existem evidências que sugerem que as recompensas externas são muitas vezes apenas motivadores fugazes, e ele pode realmente prejudicar o fim intrínseco, ou interno, motivação. Motivação para alcançar o sucesso no esporte, no entanto, não é simplesmente um impulso inato, como a unidade para satisfazer a fome ou a sede, mas aquele que é desenvolvido e aprendido. A raiz da palavra motivação é a palavra motivo. A forma latina da palavra é movere, que significa "mover". O desejo de se mover, em oposição ao restante estacionário, é a essência de motivação (COX, 2012).

Segundo Weinberg e Gould (2001) apud Sage, motivação pode ser definida como a direção e a intensidade de nossos esforços. Direção para a qual voltamos nossos esforços, somos atraídos ou nos aproximamos e a intensidade com a qual realizamos determinada situação, prática ou movimento.

Com a finalidade de facilitar o estudo da motivação, esta recebeu duas subdivisões: na primeira, estão os estudos das razões pelas quais se escolhe uma atividade e não outra. Na segunda, estão os dados referentes às razões pelas quais se realizam ações com diferentes graus de intensidade, procurando explicá-los (BECKER Jr., 1996).

Scalon (apud CRATTY, 1983) cita que as razões pelas quais o atleta escolhe um esporte e dele participa com um grau de competência, podem ser influenciadas por experiências primitivas, situações e pessoas mais recentes. Motivos para

desempenhar um determinado esporte são formados, muitas vezes, pela combinação de acontecimentos passados e próximos, ambos atuando sobre a consciência do atleta.

Para Samulski (2009), a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos).

A motivação intrínseca é a motivação que vem de dentro. Intrinsecamente indivíduos motivados se envolvem em atividades que lhes interessam, e as praticam livremente, com um sentido cheio de vontade e controle pessoal. Não há nenhum sentido de engajar-se em atividade por uma recompensa material ou por qualquer outro tipo de recompensa ou motivação externa. Por definição, a motivação extrínseca refere-se a motivação que vem de uma fonte externa em oposição a uma fonte interna. A motivação extrínseca vem em muitas formas, mas exemplos comuns incluem prêmios, troféus, dinheiro, elogio, aprovação social e medo de punição (COX, 2012).

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo quantitativo, de cunho descritivo-exploratório com abordagem comparativa, através de um questionário.

Este método caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas através de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas (DALFOVO et al, 2008 apud Richardson 1989).

Gaya et al (2008) identificam o estudo descritivo-exploratório como sendo aquele que demarca características ou delinea o perfil de determinado grupo ou população, que tem por objetivo analisar determinados fenômenos, definir seus pressupostos, identificar suas estruturas ou esclarecer possíveis relações com outras variáveis. A finalidade principal do método descritivo é proporcionar um perfil capaz de caracterizar precisamente as variáveis envolvidas em um determinado fenômeno.

Ainda segundo o autor, um estudo descritivo por questionários caracteriza-se pela formulação de questões diretas para uma amostra representativa de sujeitos por meio de um guia ou formulário previamente elaborado. Seu objetivo é a identificação de opiniões, valores, condutas, vivências, etc. sobre determinado fenômeno.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

O estudo contou 71 atletas federados de rugby do sexo masculino, sendo destes 40 da categoria adulto e 31 da categoria juvenil com idade entre 16 e 40 anos, com média de 22,7 anos, que participam de treinamentos e campeonatos com as equipes do Charrua Rugby Clube, Guasca Rugby Clube e San Diego Rugby Club.

A escolha desta mostra se deu por conveniência, pois as três equipes estão sediadas e realizam os treinamentos na cidade de Porto Alegre.

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Para aquisição dos dados relacionados aos motivos da prática esportiva foi utilizada a "Escala de Motivos para Prática Esportiva" (EMPE), a qual foi validada por Barroso (2007) para população brasileira e é composta por 33 questões. Como a medida foi feita em uma escala nominal, foram estabelecidos os seguintes critérios: "nada importante" (para o nível 0), "pouco importante" (para os níveis 1, 2 e 3), "importante" (para os níveis 4, 5 e 6), "muito importante" (para os níveis 7, 8 e 9), e "totalmente importante" (para o nível 10). Posteriormente, as questões foram agrupadas em 7 fatores motivacionais, assim denominados: status, condicionamento físico, energia, contexto, técnica, afiliação e saúde.

Fatores Motivacionais: (a) Fator 1 (status): 3, 13, 15, 21, 23, 27 e 30; (b) Fator 2 (condicionamento físico): 6, 16 e 26; (c) Fator 3 (energia): 4, 7, 14, 17, 18 e 31; (d) Fator 4 (contexto): 5, 9, 20, 29 e 33; (e) Fator 5 (técnica): 1, 10, 25 e 28; (f) Fator 6 (afiliação): 2, 8, 12, 19 e 24; (g) Fator 7 (saúde): 11, 22 e 32.

Na coleta de dados os atletas foram orientados a preencher seu questionário de maneira individual, com o pesquisador estando presente para esclarecer possíveis dúvidas, sem deixar em branco nenhum dos itens e colocar os seguintes dados: data de nascimento, sexo, tempo de prática na modalidade e nome do clube que pratica.

Para a análise dos dados, foi utilizado a estatística descritiva com a apresentação das médias e o Teste t de Student para amostras independentes na comparação das médias.

3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

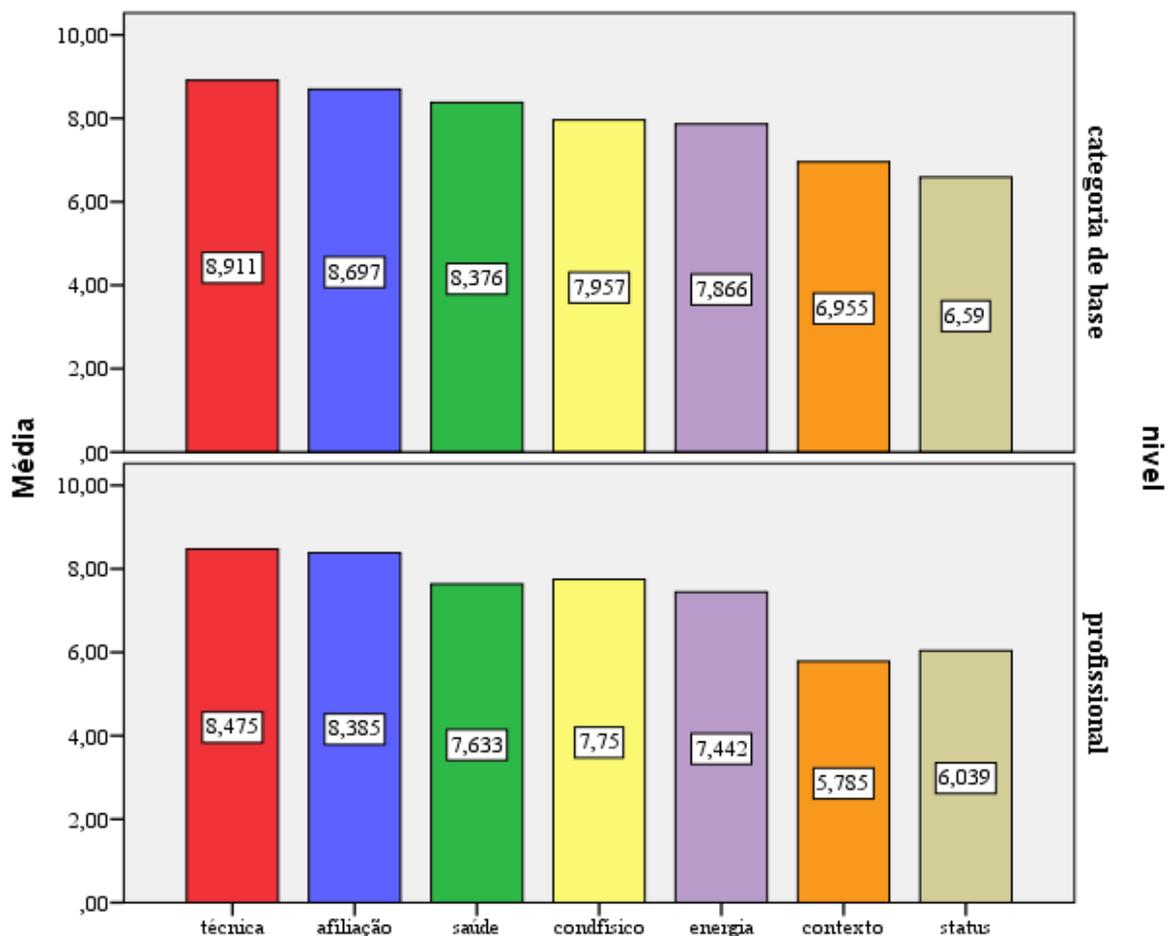
Os presidentes dos clubes que participaram da pesquisa foram contatados e autorizaram que fosse realizada a pesquisa nos seus respectivos clubes. Os atletas foram convidados a ler e preencher um termo de consentimento que explicava os motivos e objetivos da pesquisa. Ficou esclarecido nesse termo que as suas informações seriam mantidas em sigilo absoluto e que qualquer dúvida ou informação complementar poderia ser esclarecida a qualquer momento, inclusive a retirada do termo se o sujeito assim decidir.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A amostra do presente estudo foi composta de 71 atletas federados de rugby do sexo masculino, sendo destes 40 da categoria adulto e 31 da categoria juvenil com idade entre 16 e 40 anos, com média de 22,7 anos e *dp* 5,75.

Para a análise dos dados, foi utilizado a estatística descritiva com a apresentação das médias e o Teste t de Student para amostras independentes na comparação das médias.

Figura 1. Médias dos fatores da juvenil (categoria de base) e categoria adulta (profissional).



Em relação à figura 1 acima, é possível verificar que os fatores técnica e afiliação foram os que obtiveram maiores médias, tanto para o juvenil (categoria de

base) com 8,9 (técnica) com dp de 1,40 e 8,6 (afiliação) de média e dp de 1,38 respectivamente, como também para a categoria adulta (profissional) com 8,5 (técnica) com dp de 1,21 e 8,4 (afiliação) de média com dp de 1,29.

Também cabe destacar que os fatores condicionamento físico e saúde também mostraram ser de grande importância para ambos os grupos pesquisados.

A motivação para o rendimento, segundo Weinberg e Gould citados por Samulski (2009), “refere-se ao esforço de uma pessoa com fim de solucionar uma tarefa exigente, adquirir excelência esportiva, superar obstáculos, procurar e demonstrar uma melhor performance do que outras pessoas e sentir-se orgulhoso ao mostrar seu talento”.

Samulski (2009) também cita a Teoria de Heckhausen de motivação para o rendimento. Especialmente para o esporte de alto nível, é de fundamental importância o desenvolvimento da motivação para o rendimento. Por motivação para o rendimento entende-se o desejo de melhorar, aperfeiçoar ou manter o rendimento em alto nível.

Em um estudo de Tataru (2011) com atletas de hóquei sobre grama do Brasil, o aperfeiçoamento da técnica e a afiliação mostraram-se itens de suma importância.

Campos (2011) e Nuñez (2008) corroboram com estes resultados, apontando para estas características em jovens atletas de alto nível. Isto se deve principalmente por questões relativas à competitividade e autoafirmação. Muitas competições e a obrigação de se manter em alto rendimento, fazem com que se tenha uma preocupação referente a aspectos técnicos e manutenção no grupo que está competindo.

Paim (2001, 2008), em dois estudos com jovens praticantes de futebol, demonstrou que o principal fator motivacional que os levaram à prática foi desenvolver habilidades, seguido de excitação, desafios e afiliação.

Quando a motivação do sujeito não se dá em função da competitividade, a prática de determinada atividade ocorre pelo sentimento de pertencimento a um grupo, como demonstra o estudo de Barbosa (2012), com universitários praticantes de rugby. Apesar de os indivíduos manifestarem-se com maior ênfase nos itens relacionados à saúde, foi possível observar que os atletas da equipe não estão interessados em se tornarem atletas de fato e sim estarem envolvidos com uma prática capaz de propiciar momentos de lazer e conseqüentemente fazer parte de um grupo onde poderiam encontrar e fazer novos amigos.

Para Paim (2001), no seu estudo com adolescentes praticantes de futebol, em relação à amizade/lazer, pode-se observar que, apesar de apresentar menor incidência, a categoria influencia no desenvolvimento do adolescente, que está sempre em busca de afiliação (pertencer a algum grupo) e de amigos que se identifiquem para desfrutar de momentos de lazer.

Tabela 1. Médias e desvios padrão e nível de significância

	nível	N	Média	Desvio padrão	t	gl	p
status	Juvenil	31	6,6	2,23	1.150	69	0,254
	Adulto	40	6,0	1,80			
condfísico	Juvenil	31	8,0	1,79	536	69	0,594
	Adulto	40	7,8	1,47			
energia	Juvenil	31	7,9	1,53	1.273	69	0,208
	Adulto	40	7,4	1,19			
contexto	Juvenil	31	7,0	2,11	2.611	69	0,01
	Adulto	40	5,8	1,51			
técnica	Juvenil	31	8,9	1,40	1.409	69	0,163
	Adulto	40	8,5	1,21			
afiliação	Juvenil	31	8,7	1,38	979	69	0,331
	Adulto	40	8,4	1,29			
saúde	Juvenil	31	8,4	1,95	1.575	69	0,120
	Adulto	40	7,6	1,99			

Em relação aos resultados apresentados na tabela 1, observa-se que o único fator que mostrou diferença significativa entre o grupo juvenil e o grupo de atletas adultos de rugby foi o fator contexto com $p=0,01$. Mostrou que para a categoria juvenil o fator contexto é mais importante que para a categoria adulta.

A teoria psicossocial de Erik Erikson justifica a importância do contexto para a categoria juvenil, que se encontram no final da adolescência, justamente no período em que se desenvolve o senso de convivência íntima versus isolamento, onde jogos, esportes e atividades recreativas da vida adulta representam meios importantes para alimentar o senso de convivência íntima com companheiros do mesmo sexo e do sexo oposto. Esforços para pertencer a um grupo, seja no local competitivo ou recreativo, refletem um nível de convivência íntima em função da necessidade de comportamentos de cooperação e de trabalho em equipe. Quando não consegue desenvolver e refinar habilidades lúdicas e esportivas pelo menos no nível recreativo, o indivíduo pode ter a sensação de isolamento e de ausência de equipe ou de grupo social.

Enquanto que na fase adulta ocorre a aquisição do senso de produtividade *versus* autoabsorção. Onde o indivíduo passa a demonstrar maior interesse na

geração seguinte do que nos seus próprios problemas. Nessa fase, o fracasso envolve o desapontamento autoabsorvente e a incapacidade de aceitar a redução das potencialidades quando se aproxima a meia idade.

Paim (2001) apud Lawther (1973), diz que faz parte das características dos adolescentes experimentar novos desafios para pôr em evidência suas potencialidades. Para isso, encontra-se nos clubes de iniciação desportiva, através das competições, e treinamentos direcionados, que favoreça o progresso pessoal do atleta, o ambiente ideal para o desenvolvimento dessas características.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados apresentados conclui-se que o fator técnica obteve a maior média, que é justificada por serem equipes de competição, tanto na categoria adulto quanto na juvenil, onde o desejo de ser melhor que si e que o adversário é constante. Tanto na categoria adulto quanto na categoria juvenil, o fator técnica esteve sempre colocado como um fator muito importante para os atletas.

O fator afiliação obteve a segunda maior média, que se explica pelo desejo de pertencer a um grupo e fazer amizades. Assim como o fator técnica, na afiliação os dois grupos também o colocam como fator muito importante para a prática da modalidade.

Mas deve-se levar em conta o fator contexto para a categoria juvenil, que dá muita importância ao ambiente em que estão inseridos. Com uma média de 7,0 na categoria juvenil, mas com um desvio padrão de 2,11, o fator contexto varia entre importante e muito importante, ao contrário da categoria adulto, onde este mesmo fator fica apenas categorizado como importante, com um menor grau de relevância comparado com o juvenil.

Os fatores condicionamento físico, energia e saúde obtiveram médias próximas a 8 em ambas as categorias, mas em todas elas as médias da categoria juvenil foram ligeiramente maiores, estando colocadas como muito importantes para a grande maioria dos atletas, mas variando como importante para alguns.

O fator que obteve as menores médias em ambos grupos foi o status, com média 6,6 e desvio padrão 2,23 no juvenil e média 6,0 e desvio padrão 1,80 no adulto, mostrando que apenas no juvenil essa média pode não representar a grande maioria. O fato de os atletas colocarem o status como a última prioridade representa também que esta modalidade ainda não tem uma representatividade tão grande na sociedade a ponto de ter este como fator motivador para a prática.

Cabe destacar aqui que uma das limitações deste estudo foi o número de sujeitos, portanto como sequência desta pesquisa sugere-se o aumento da amostra e a aplicação também em atletas do sexo feminino.

REFERÊNCIAS

- BALBINOTTI, C. A. A, et al. O perfil motivacional de adolescentes jogadores de voleibol. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v.9, n.2, 2010.
- BARBOSA, M. C, et al,; Análise do perfil motivacional de universitários praticantes de rugby: UFTM/Uberaba – MG. **Coleção pesquisa em Educação Física**, v.11, n.5, 2012.
- BARCELOS, M. **Conhecendo o Rugby**. Apostila disponível em http://www.portaldorugby.com.br/2015/wp-content/uploads/2010/04/apostila_rugby_novo_4.pdf.
- BARROSO, M. L. C. **Validação do *participation motivation questionnaire* adaptado para determinar motivos de prática esportiva de adultos jovens brasileiros**. Dissertação (mestrado em ciências do movimento humano) – Centro de ciências da saúde e do esporte, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.
- BECKER JR, B. **Manual de psicologia do esporte e exercício**. 2.ed. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- CAMPOS, L. T. S.; VIGÁRIO, P. S.; LURDOF S. M. A. Fatores motivacionais de jovens atletas de vôlei. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.33, n.2, p. 303-317, abr/jun. 2011.
- CENAMO, G. C. **História do rugby**. 2010. 59 f. Monografia (Graduação) - Curso de Educação Física - Bacharelado, Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.portaldorugby.com.br/images/História do Rugby - Gabó.pdf](http://www.portaldorugby.com.br/images/História%20do%20Rugby%20-%20Gabó.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2015.
- COX, R. H. **Sport Psychology: Concepts and Applications**. 7.ed. University of Missouri-Columbia. MC Graw Hill, 2012.
- CRATTY, B. J. **Psicologia no esporte**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1983.
- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos**. **AMGH**, 2013.
- GARCIA, H. **El Rugby**. Madrid: Publicaciones del Comité Olimpico Espanõl, 1964.
- GAYA, A. et all, **Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 304 p.
- MARTÍNEZ, L. M; CHIRIVELLA, E. C. Direcciones y problemas del analisis de la motivacion y emocion en la actividade física e deportiva. **Revista de Psicologia del Deporte**, Facultad de Psicologia, Universidad de Valencia, Valencia, 1995.

MORENO, L. F. **O ensino do rugby para crianças e jovens de 9 a 14 anos: relato de experiência.** 2012. 80f. Monografia (Graduação) – Curso de Educação Física – Licenciatura, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NUÑES, P. R. M.; PICADA, H. F. S. L.; SCHULZ, S. T. Motivos que levam adolescentes a praticarem futsal. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v.6, n.1, p.67-78, jan/abr. 2008.

PAIM, M. C. C. Motivos que levam adolescentes a praticar o futebol. **Revista Digital**, v. 7, n. 43, 2001.

PAIM, M. C. C. Fatores motivacionais e desempenho no futebol. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 12, n. 2, p. 73-79, 2008.

PAIXÃO PELA BOLA OVAL: A volta do Rugby ao programa olímpico. Disponível em: <http://www.rio2016.org/noticias/noticias/paixao-pela-bola-oval-a-volta-do-rugby-ao-programa-olimpico>.

PORTAL DO RUGBY. Disponível em: <<http://www.portaldorugby.com.br/entenda-o-rugby/historia-do-rugby>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

SAMULSKY, D. M. **Psicologia do esporte: comparação do esportista e não-esportista.** Belo Horizonte: UFMG, 1990.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas.** 2.ed. Barueri, SP: Manole, 2009. 496 p.

SCALON, R. M. **A psicologia do esporte e a criança.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 258 p.

TATARA, D. **Fatores motivacionais na prática de hóquei sobre grama entre atletas de elite do Brasil e Argentina.** Monografia de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do esporte e do exercício.** 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WORLD RUGBY. Disponível em: <<http://www.worldrugby.org>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

APÊNDICE 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA - ESEF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Termo de Consentimento

“Fatores motivacionais que influenciam na prática do rugby”.

Eu, _____,
concordo em participar desta coleta de dados, sabendo que a mesma objetiva analisar os fatores motivacionais que levam os atletas de rugby à prática desportiva em suas respectivas equipes. Estou ciente de que esta pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do aluno Marcelo da Costa Schmitt, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Eu compreendo que minha participação é inteiramente voluntária. Recebi informações específicas sobre o questionário que irei responder. Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento. Além disso, sei que novas informações, obtidas durante o estudo, me serão fornecidas e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação da pesquisa, em face dessas informações. Também me foi garantido pelo pesquisador sigilo, assegurando a privacidade dos dados envolvidos na pesquisa.

Caso tiver alguma dúvida, posso entrar em contato com o pesquisador responsável Marcelo da Costa Schmitt, pelo fone 51. 91056688 ou com meu orientador Dr. Rogério da Cunha Voser pelo fone 51. 8401-6980 ou ainda com a Secretaria da ESEF pelo fone 51. 3308-5804.

Declaro ainda, que recebi cópia do presente consentimento.

Assinatura do atleta

Nome

Assinatura do pesquisador

Nome

Data: _____

ANEXO 1 – Questionário

DATA DE NASCIMENTO: __/__/____ SEXO: MASC () FEM ()

ANOS DE PRÁTICA NA MODALIDADE: ____

NOME DO CLUBE: _____ CATEGORIA: _____

ESCALA SOBRE MOTIVOS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA (EMPE)**“Participation Motivation Questionnaire (PMQ)”****D. Gill; J.Gross & S.Huddleston****Validada no Brasil por Mario Luiz C. Barroso & Ruy Jornada Krebs (2007)****(CEFID/UDESC – Laboratório de Desenvolvimento e Aprendizagem Motora)**

Abaixo temos alguns motivos que fazem com que as pessoas pratiquem esportes.

Leia cada item com atenção e, por favor, marque com um “x” o quanto cada um deles é importante para você praticar sua modalidade **HOJE**.

	Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Totalmente importante
1. Eu quero melhorar minha técnica	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
2. Eu quero estar com meus amigos	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
3. Eu gosto de vencer	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
4. Eu preciso liberar energia	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
5. Eu gosto de viajar	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
6. Eu quero ficar em forma	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
7. Eu gosto de sentir emoções fortes	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
8. Eu gosto de trabalhar em equipe	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
9. Meus pais e/ou amigos querem que eu jogue	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
10. Eu quero aprender novas técnicas	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
11. Eu quero manter a saúde	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
12. Eu gosto de fazer novas amizades	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
13. Eu prefiro fazer algo em que sou bom	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
14. Eu preciso liberar tensão	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
15. Eu gosto de ganhar prêmios	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
16. Eu gosto de fazer exercícios	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
17. Eu gosto de ter algo pra fazer	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
18. Eu gosto de estar fisicamente ativo	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
19. Eu gosto do espírito de equipe	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
20. Eu gosto de sair de casa	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
21. Eu gosto de competir	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
22. Eu quero adquirir hábitos saudáveis	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
23. Eu gosto de me sentir importante	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
24. Eu gosto de fazer parte de uma equipe	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
25. Eu quero superar meus limites	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
26. Eu quero estar em forma	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
27. Eu quero me destacar socialmente	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
28. Eu gosto de desafios	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
29. Eu gosto dos técnicos e/ou professores	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
30. Eu quero ganhar status e/ou ser reconhecido	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
31. Eu gosto de me divertir	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
32. Eu quero melhorar ainda mais minha saúde	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
33. Eu gosto de usar instalações e equipamentos esportivos	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10